

Garotas nas ruas, na frente e em cima do palco: imaginário urbano e protagonismo feminino no rock¹

Gabriel GUIMARÃES²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Neste artigo, busca-se compreender de que maneira o Festival Roque Pense!, um festival de rock independente da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, que conta com a participação de bandas com instrumentistas mulheres, ocorrido em outubro de 2013 no Paço Municipal de Mesquita, pode desempenhar um papel de ressignificação do espaço urbano. Serão elaboradas considerações teóricas a respeito do imaginário urbano, da produção de festivais independentes e da presença feminina no rock, para em seguida ser realizada uma análise interpretativa, com base em observações de campo, da potencialidade simbólica desse show no que se refere ao empoderamento feminino e à reterritorialização do espaço urbano, proporcionados pelo protagonismo juvenil feminino. O objetivo é, portanto, compreender o papel desse festival na atribuição de novos significados à urbe e à ocupação de seus espaços pelas mulheres.

Palavras-chave: cidade; território; empoderamento feminino; rock.

Introdução

“Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia a dia, correspondem outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento, pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.”

Sandra Pesavento

Na apresentação escrita pela historiadora Sandra Pesavento para o volume 27 da *Revista Brasileira de História*, intitulada “Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias (2007), de onde tiramos a epígrafe deste artigo, a autora dedica-se ao fascínio suscitado pela cidade, expondo princípios em que se baseiam historiadores culturais e pesquisadores de outras áreas para compreender a complexidade do fenômeno urbano. A ideia é que as considerações teóricas e metodológicas acerca do estudo da urbe não levem em conta apenas os aspectos socioeconômicos, mas também os sistemas de ideias e imagens criados pelos sujeitos nos espaços citadinos, ou seja, o imaginário urbano.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do curso de Comunicação da UERJ, e-mail: gabrielguimaraes84@gmail.com

Em outras palavras, os estudos de uma história cultural urbana se aplicam no resgate dos discursos, das imagens e das práticas sociais de representação da cidade. E o imaginário urbano diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade – no caso, sobre a cidade (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Para escrevermos este trabalho, portanto, não só nos orientamos pela busca de um entendimento simbólico do espaço urbano – no qual se projetam imaginários, atribuem-se significados e produzem-se sentidos –, mas também acreditamos que as criações humanas sobre as cidades são elaboradas pelas sociabilidades e sensibilidades dos sujeitos nos espaços por onde circulam.

Apresentaremos aqui como o Festival Roque Pense!, um festival de rock independente da Baixada Fluminense que conta com a participação de bandas com mulheres, ocorrido durante um fim de semana de outubro de 2013 no Paço Municipal de Mesquita, pode desempenhar um papel de ressignificação do espaço urbano. Trata-se de uma iniciativa coletiva de homens e mulheres que se apropriaram política, afetiva e simbolicamente do paço a fim de promover o protagonismo e a produção cultural feminina no rock. Podemos entendê-lo como uma forma de “ativismo musical [...] que dinamiza e repotencializa a sociabilidade” (HERSCHMANN; FERNANDES, 2011, p. 7) das mulheres na Baixada Fluminense.

Depois de tecermos algumas considerações necessárias a respeito do imaginário urbano e da produção cultural de festivais independentes, buscaremos analisar a potencialidade simbólica desse show no que se refere ao empoderamento feminino e à reterritorialização do espaço urbano, proporcionados pelo protagonismo juvenil feminino.

Introdutoriamente, estabelecemos que há nesse festival uma disputa simbólica pela significação do espaço urbano a partir de táticas de apropriação e uso pelas mulheres que participaram do show, seja na produção, seja no ato de tocar, seja na fruição. Assim, como define a pesquisadora Ana Lucia Enne, “estamos diante de uma intensa disputa por atribuição de sentido em torno do espaço, na sua transformação em lugar significativo” (2012, p. 27).

Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é compreender o papel desse festival na atribuição de novos significados à urbe e à ocupação de seu espaço pelas mulheres e, ao final, poder relacioná-los, com base na apreensão de que a cidade é o reduto por excelência de variadas sensibilidades e sociabilidades e que o *ethos* citadino molda-se pelos rituais na cidade desenvolvidos.

Esclarecemos que este trabalho é um resultado preliminar da pesquisa em andamento desenvolvida no mestrado a respeito da cultura do rock feito por mulher na Baixada Fluminense e que, por isso, outras questões fundamentais (como o patrocínio da Petrobras e a parceria institucional da Prefeitura Municipal de Mesquita, a discussão teórica pós-moderna sobre feminismo, sobre cena musical, os problemas envolvendo a noção centro-periferia) não serão aqui abordadas, pelo menos não substancialmente.

As cidades imaginárias são as possíveis reterritorializações do espaço urbano

A cidade é cultural, pois é um lócus simbólico da organização dos significados e da expressão de sentidos de uma sociedade urbana. Nesse sentido, manifesta, no âmbito sociogeográfico, as tensões e as acepções culturais e políticas dos espaços citadinos. Consideramos a cidade, então, como territórios múltiplos, constituídos em função dos variados usos que dela fazem os sujeitos. De acordo com os pesquisadores Micael Herschmann e Cíntia Fernandes:

A cidade tece seu imaginário de forma aberta e multiforme, não podendo ser engessada, pois se renova constantemente através do jogo cotidiano entre centramento-descentramento, territorialização-(des)territorialização-(re)territorialização, no qual as diversas neotribos tecem os significados dos lugares onde estabelecem seus intercâmbios culturais (HERSCHMANN; FERNANDES, 2011, p. 8).

Fernandes – e Pesavento, no campo da História, conforme escrevemos na introdução deste artigo – chama a atenção para o fato de que, tradicionalmente, na Sociologia e na Comunicação, os estudos urbanos voltam-se para a investigação dos indicadores socioeconômicos e dos “circuitos programáticos da cidade”. No entanto, neste artigo, fomos atraídos por outro viés compreensivo, segundo o qual as dinâmicas culturais existentes no espaço urbano podem ser apreendidas por suas sensibilidades e sociabilidades, como aponta Fernandes (2012, p. 74).

Metodologicamente, é esse o viés adotado por Pesavento para compreender a cidade. De acordo com a historiadora, a cidade é materialidade, sociabilidade e sensibilidade (2007). Em outras palavras, ela é, além de seu perímetro e de suas construções arquitetônicas e de engenharia, um espaço de relações sociais diversas, onde se encontram um sem-número de grupos e sujeitos que interagem de inúmeras maneiras, em variados ritos e festas, e atribuem significados não só às suas existências, mas também às experiências vivenciadas nos espaços urbanos.

Por isso, é importante recorrermos à teoria sociológica de Georg Simmel, de acordo com a qual a sociedade é o resultado da interação entre indivíduos (2008, p. 59). Assim, a sociedade corporifica-se somente em função das formas de socição, a interação social suscitada por interesses individuais que justificam a filiação de sujeitos a determinados agrupamentos.

Ao citarmos esses termos, é necessário retomarmos a metáfora de “neotribo urbana”, de Michel Maffesoli (1998), autor que “atualiza” as proposições teóricas de Simmel. Trata-se de uma comunidade emocional caracterizada por dispersão e fluidez e, por isso mesmo, um agrupamento social em que os indivíduos recorrem a um estar-junto com base nas emoções, nos sentimentos e nas sensações – o que Maffesoli chama de socialidade (1998). Aqui, podemos usar a afetividade para perceber os imaginários e as significações reveladas, por exemplo, em shows de rock na rua. O Festival Roque Pense!, dessa maneira, pode ser considerado uma experiência cultural-espacial, da qual irrompem processos de significação da experiência social na cidade – mais uma vez, o imaginário urbano.

Há um processo de sociabilidade que emerge do compartilhar de uma experiência sonora presencial, que por sua vez gesta um *ethos* do lugar e um modo de ocupar próprio, diferenciando-o de outros lugares da cidade, desenhando novas territorialidades. [...] A capacidade de mobilização das “experiências” e das interações realizadas em certos “ambientes” [...] redesenham o imaginário da cidade (FERNANDES, 2012, p. 77).

Se a cidade é, portanto, imaginária, ela é uma constante reordenação das representações sobre seus territórios e uma contínua ressignificação da atuação dos corpos sobre seus espaços. Assim, a compreensão das culturas que emergem das urbes pode estar ancorada no conhecimento histórico, mas se detém também em suas inovações transgressivas. Por isso, entendemos que o imaginário urbano perpassa pela noção de consumo descrita por Michel de Certeau: “A presença e a circulação de uma representação não indicam de modo algum o que ela é para os usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam” (1998, p. 40).

No caso do imaginário urbano, os sujeitos dispersos pelas cidades fabricam os espaços da cidade ao atribuírem a ele sentidos específicos. A cidade, portanto, é interacional e explicada pelas relações socioculturais que nela ocorrem. Mais especificamente, no caso do Festival Roque Pense!, há uma intenção em se apropriar, na acepção conferida por de Certeau à palavra (1998), de um território para fabricar um

imaginário urbano que se relaciona com atividades de afirmação e protagonismo juvenil feminino.

Concluimos, portanto, que os produtores do festival, as bandas que nele tocaram e o público reterritorializaram um espaço da cidade e, conseqüentemente, estabeleceram usos que o ressignificaram. De acordo com Fernandes, fundou-se uma “musicabilidade” ou uma “territorialidade sônico-musical” (2011), ou seja, uma “prática sociocultural em um espaço afetivo que tem a música como élan” (2013, p. 148).

O imaginário feminista ressignifica a mobilização urbana feminina

Se pudemos concluir na seção anterior que a noção de imaginário urbano perpassa pela transformação de um lugar em espaço significativo, norteamo-nos pela ideia de que o Festival Roque Pense!, além de reterritorializar o Paço Municipal de Mesquita, tornando-o sensível para as mulheres que tocam e são fãs de rock na Baixada Fluminense, também negociou um significado político, que se orienta pela disputa do direito de expressão cultural feminina.

Por intermédio dessa batalha, pauta-se a exposição do conjunto de ideias que circulam amplamente por entre as mulheres que ou participam do coletivo ou se apresentaram nos shows. O grupo que produziu o evento é uma fusão do zine *Let's Go*, de linha editorial antissexista, e o projeto Arte Pense, que procurava difundir a Lei Maria da Penha pelas comunidades da Baixada Fluminense. Essas mobilizações se reuniram e transformaram-se em um projeto de comunicação urbana, com produção de zine, oficinas, eventos, *podcasts* e festivais de rock. A proposta é disseminar a educação antissexista entre os jovens da Baixada Fluminense por meio da música.

Assim, uma das iniciativas observada desse coletivo, o Festival Roque Pense!, é uma série de shows com bandas em que há pelo menos uma mulher instrumentista cujo foco é a discussão sobre a discriminação de gêneros e a participação ativa das mulheres na cultura do rock. Entendemos, dessa maneira, que a preocupação com questões relacionadas aos problemas de gênero e ao sexismo funda o imaginário do grupo. Existe uma noção de feminismo que conforma os limites do grupo, remetendo a um sistema de significado que essas ativistas utilizam para definir como se veem e para organizar sua conduta de atuação social. Tratam-se de códigos de significação que dão sentidos às suas ações, e por meio deles podemos compreendê-las.

Nesse sentido, notamos haver uma luta cultural em torno do que é ser mulher na sociedade contemporânea. O festival possibilita que a luta político-cultural das mulheres faça parte das “esferas de produção de sentidos, criando brechas para que [as mulheres] se empoderem como protagonistas na luta contra-hegemônica frente aos poderes historicamente construídos que [as] renegam a condições de subalternidade e exploração” (ENNE, 2012, p. 27).

Interpretamos, então, que a cultura do rock independente feito por mulher na Baixada Fluminense se constrói sobre duas tensões. A primeira refere-se à tentativa do rock independente como expressão cultural adquirir alguma visibilidade no cenário musical. Trata-se da utilização de táticas, baseadas nas produções culturais, nas visões de mundo, ou seja, das maneiras pelas quais as práticas desse grupo, seus artefatos e seus atores constituem espaços próprios que sustentam e dinamizam a cultura do rock independente, construindo assim um imaginário.

Consideramos que os elementos e os fenômenos que fortalecem essa cultura do rock underground são aqueles que podem reforçar o protagonismo e o ativismo feminino: organizações de festivais, edição de zines, gravação de programas de rádio pela internet e realização e oficinas e debates.

A outra tensão sobre a qual se constrói essa cultura do rock independente relaciona-se à atuação feminina. Trata-se de uma inflexão que diz respeito à noção de gênero, na qual a música serve de instrumento de visibilidade, questionando a predominância masculina no meio e incitando debates a respeito de problemas sociais graves, como a violência contra a mulher e os direitos sobre o corpo.

De acordo com as ideias defendidas pela filósofa Simone de Beauvoir, na época da constituição do movimento feminista, o caráter do gênero não é natural, mas social e historicamente construído. Ao dizer que “não se nasce mulher: torna-se mulher”, em *O segundo sexo* (1980), ela questiona o pretense naturalismo e a obviedade dos discursos de opressão feminina, determinando seu lugar na sociedade: o privado e o passivo.

No universo do rock, é possível ouvir ecos da frustração de de Beauvoir. A subordinação a que foram submetidas as mulheres ao longo da história não se restringe aos seus direitos de cidadãs, mas se amplia à sua comprometida autonomia social. Ter voz ativa na sociedade é um instrumento de poder, e no universo do rock há uma luta para que as mulheres lancem mão desse poder, uma vez que esse gênero musical é sexista e eminentemente masculino. O coletivo Roque Pense!, ao ter assinalado o rock como

instrumento de empoderamento feminino, traçou seu campo de disputa simbólica. Historicamente, o rock é um gênero musical que remete às noções de transgressão, sexualidade e protagonismo juvenil. Aos poucos as mulheres adentraram nesse campo de atividade cultural: somente em 1975, com a formação da banda The Runaways, houve uma banda de rock composta totalmente por mulheres. Apenas no início da década de 1990, com o surgimento do movimento Riot Grrrls, nos Estados Unidos, irrompeu uma mobilização efetivamente feminista no rock, que se preocupasse com os problemas de gênero e sexualidade nessa cultura musical.

Sabemos que as noções dos primeiros feminismos podem ser vistas, hoje, como ingênuas (Cf. BUTLER, 1998, 2008; FLAX, 1991), uma vez que a igualdade formal estabelecida entre homens e mulheres tende a ofuscar que as mulheres ainda ocupam posições sociais desfavorecidas. As mulheres atualmente, na maioria dos países ocidentais, são “totalmente livres” para votar, exercer cargos públicos e circular pelos espaços e lugares que desejarem; no entanto, permanecem os preconceitos e os impedimentos além da seara legal, como os estereótipos culturais, a necessidade de realização da totalidade das tarefas domésticas, as privações e os constrangimentos no ambiente de trabalho.

É possível realizar uma crítica ao feminismo apresentado pelo coletivo Roque Pense!; contudo, não é esse o objetivo deste artigo, e por isso decidimos apenas constatar de que maneira esse grupo opera e em que se fundamenta a luta pela participação social feminina no imaginário desses sujeitos. Elas afirmam que o sexismo existe e que todos os problemas elencados neste trabalho devem ser combatidos por meio da educação, da mudança de valores e da presença ativa das mulheres no espaço público (Cf. LET’S PENSE, s/d).

Portanto, por intermédio da abordagem do protagonismo feminino na cultura do rock na Baixada Fluminense, buscamos compreender os pontos de contato que formam as práticas socioculturais do Festival Roque Pense! no espaço urbano. Permeiam, dessa maneira, na discussão acerca do imaginário feminista desse coletivo, noções como territorialização e ressignificação do espaço urbano, realizadas pelo ativismo musical feminino. Em função da existência do festival, é possível ver como se formam as alianças afetivas e as identificações socioculturais em um território.

Assim, se a investigação aqui proposta deve preocupar-se com as interações sociais, a produção cultural, a ressignificação do espaço urbano e o ativismo musical feminino, a questão central a ser abordada na próxima seção diz respeito ao significado político que o

território ganha com a experiência existente em um show de rock e nas atividades adjacentes.

A experiência do festival conforma os imaginários urbano e feminista

“Não dá para ficar parada, vendo a banda passar, sem questionar o porquê de só os homens, ao longo da história, ocuparem majoritariamente o cenário cultural que nasce da rua e dela faz seu espaço mais legítimo.”
Giordana Moreira

De acordo com Herschmann, houve uma expansão considerável na quantidade de festivais de música independente na última década (2010, p. 271), e o Festival Roque Pense! insere-se nesse contexto. Além de engrossar as fileiras dos shows organizados por iniciativas de coletivos de artistas e pequenos ou médios produtores culturais e ser realizado fora dos grandes centros urbanos ou das principais capitais do país, participa também da crescente onda de manifestações acerca do papel e dos direitos da mulher na sociedade contemporânea, ao lado de mobilizações como a Marcha das Vadias. O festival mobiliza, portanto, além dos circuitos independentes, discussões sobre gênero e sexualidade, ou seja, concentra-se na militância feminina na área musical.

Nesse sentido, seguimos a tendência interpretativa apontada por Herschmann sobre a relevância política e cultural da experiência presencial dos shows. Consideramos ser importante essa categoria metodológica para a compreensão da resignificação dos espaços urbanos pelas mulheres fãs de rock. De acordo com o autor, a expansão dos festivais independentes relaciona-se com a perda de valor da música gravada (2010). Nesse sentido, como indicado por Herschmann, recorreremos à obra de Maffesoli *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno* (2007) para compreender a centralidade da experiência, noção que consideramos essencial para estudar as mobilizações sociais atuais.

A experiência é a palavra-chave para explicar a relação que cada um estabelece com o grupo, a natureza, a vida em geral. Experiência que ignora escrúpulos racionais, repousando essencialmente no aspecto nebuloso do afeto, da emoção, da sintonia com o outro. [...] O lugar central da experiência exprime-se através desse resvalar que vai da História Geral e segura de si às pequenas histórias que constituem o cimento essencial das tribos urbanas. Com isto, o discurso doutrinário dá lugar à vibração comum e ao sentimento de pertencimento que isto fatalmente induz” (MAFFESOLI, 2007, p. 203-205).

Nos festivais independentes identificamos, assim, que as sensibilidades conclamam o público a participar das atividades e, portanto, são relevantes para a produção de sentidos acerca do espaço urbano. Nesse sentido, Herschmann e Fernandes (2011, p. 14) cravam de que maneira os festivais realizados na rua reconfiguram o imaginário urbano. Ao afirmarem que iniciativas como o Festival Roque Pense! são fundamentais para a recriação das culturas urbanas, podemos dizer que tornam viável ações de sujeitos que buscam alguma visibilidade por meio das pequenas histórias de que falou Maffesoli na citação anterior.

No Festival Roque Pense!, as ações presenciais não se limitaram aos shows de rock. Nos três dias de duração do festival, houve, no período vespertino (os shows ocorreram à noite), mesa de debate, oficinas e competição de skate. Na sexta-feira (o festival aconteceu em um fim de semana, de 18 a 20 de outubro), houve a Roda de ideias: causando na Baixada, de Armanda ao Roque Pense!. Tratou-se de uma mesa-redonda em que foi discutida a participação política e cultural feminina na Baixada Fluminense. Vale mencionar que essa atividade foi também uma homenagem à educadora feminista Armanda Álvaro Alberto, fundadora da Escola Proletária de Meriti na década de 1920. No sábado, foram dadas duas oficinas, uma destinada a ensinar as mulheres a operar uma mesa de áudio e outra relativa à capacitação da produção executiva de eventos musicais. No domingo, aconteceu uma competição de skate para mulheres, a jam session Girls in Ação.

Além das atividades extramusicais, houve, durante os shows, outras manifestações que procuraram dar destaque ao papel de protagonismo das mulheres. Antes da primeira apresentação musical, um dos produtores, Paulo Vitor, anunciou: “Declaro que Mesquita é a nova capital do rock e agora também a capital das mulheres.” Em seguida, outra produtora, Giordana Moreira, trouxe de volta a lembrança da homenageada do evento e lançou a *hashtag* #somostodasarmandas, para que fosse usada nas redes sociais digitais por quem *postasse* conteúdo sobre o evento. Ao longo das noites, as participantes das bandas reclamaram, por exemplo, da falta de representatividade feminina na parte técnica de som, dançando em frente ao palco.

Embora não seja nossa intenção problematizar as performances das garotas em cima do palco, ao lermos o artigo do pesquisador Jeder Janotti Junior “Rock with the devil: notas sobre gêneros e cenas musicais a partir da performatização do feminino no heavy metal” (2013), achamos válido tecer uma consideração que dialoga com o que propomos observar no festival: qual é o espaço que a mulher pode ocupar em um universo musical dominado pelos homens? Apesar de Janotti Junior escrever sobre mulheres que tocam heavy metal, a

reflexão do autor a respeito de gênero musical e gênero sexual nos fez pensar em como artistas femininas de rock podem negociar um espaço próprio em meio a um gênero musical marcado pela agressividade, pelo alto volume, características não associadas ao imaginário das mulheres roqueiras.

Dessa maneira, deve ser considerado que não podemos pensar em uma representação rígida sobre o feminino no rock. Entendemos que historicamente, no âmbito dessa cultura musical, às mulheres foi relegado em alguma medida o papel de groupie histórica ou musa sexualmente promíscua, o que evidencia um binarismo inato do significado de ser homem ou mulher, associando as mulheres à falta de controle emocional e os homens, à racionalidade cartesiana – há, claro, exceções, como mulheres que assumiram um papel de protagonismo no rock, como Rita Lee, Cássia Eller ou a banda As Mercenárias, para usar apenas exemplos da música nacional.

Entendemos que o Festival Roque Pense! tem o intuito de proporcionar um outro imaginário sobre o feminino no rock, como exposto em um dos zines que circularam durante os shows: “O rock tocado pelas mulheres soma à resistência cultural antissexista que através de nossa atuação local e coletiva reafirma o compromisso do acesso das mulheres aos meios de produção de cultura” (ROQUE PENSE, 2013).

Nesse sentido, também a fala da baterista da banda gaúcha Medialunas, Liege Milk, durante a apresentação do grupo, é emblemática: “Não somos banda de menina, mas somos casados há dez anos, e o Ândrio [guitarrista da banda] sempre me incentivou a tocar. E juntos acabamos formando uma banda. Acreditem, o lugar da mulher é onde ela quiser.”

Assim, a reunião de mulheres que o festival possibilitou permitiu uma experiência urbana em que foram explicitadas exigências femininas relacionadas às divisões não igualitárias de gênero na sociedade contemporânea. Podemos notar, então, que as experiências presenciais dos shows atualizaram o sentimento de comunidade. Nesse sentido, o festival pode ser considerado um rito, na acepção proposta pelo antropólogo Marcel Mauss, uma vez que “o rito é a manifestação prática das representações” (LEGROS ET AL, 2007, p. 83). Dessa maneira, entendemos que as sensibilidades e as disputas suscitadas pelo festival elaboram um conjunto de significados partilhados construídos para organizar a ação desse grupo no mundo. Formou-se uma comunidade de sentido, que agrega “indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo” (JANOTTI JUNIOR, 2003, p. 4).

A experiência do festival, portanto, mobilizou um grupo de pessoas que praticou o espaço urbano com a finalidade de não só dar visibilidade às mulheres, mas também ressaltar a importância de seu protagonismo e ampliar o círculo de recepção das ideias antissexistas do grupo. O imaginário urbano foi modificado pelo festival porque houve uma nova organização da expressão de sensibilidades e afetividades de corpos nas ruas. Para Enne, trata-se de uma entre as várias táticas relacionadas às práticas e aos usos da cidade, o que propicia, “em primeiro plano, a possibilidade de democratização do discurso e da pluralidade de opiniões, mas principalmente a construção de alternativas aos discursos oficiais e monopolistas” (2012, p. 35).

Considerações finais

Neste artigo, buscamos compreender o espaço urbano como simbólico, na medida em que a ele são atribuídos significados diversos e nele são projetados imaginários, produções humanas sobre as cidades criadas por sociabilidades e sensibilidades dos sujeitos em devir. Consideramos, portanto, o Festival Roque Pense! um espaço de negociação cultural que se apropriou politicamente do Paço Municipal de Mesquita para afirmar a produção e o protagonismo feminino no rock independente. Assim, os sentidos conferidos ao espaço urbano pelo festival relaciona-se a um comportamento que procura empoderar as mulheres e problematizar relações dadas de gênero no rito do show e de suas atividades adjacentes. Trata-se, dessa maneira, de uma prática social que alterou o imaginário urbano, pois o ato de reunir mulheres na rua, para tocar, se divertir, apresentar problemas relacionados à falta de divisão igualitária de gênero passou a reivindicar um novo olhar não só acerca do feminino no rock, mas também na sociedade contemporânea.

Consideramos, então, que o festival está construindo uma agenda efetiva e compromissada com a diversidade cultural, na medida em que critica uma representação rígida do papel das mulheres e apresenta novas possíveis atuações femininas na sociedade, atribuindo a elas o signo do protagonismo e do ativismo, ou seja, formando um imaginário feminista comprometido com a luta por uma sociedade antissexista.

A experiência do festival promove a articulação de um espaço da cidade a uma prática social de efervescência cultural. Assim, por intermédio da música, a reterritorialização do Paço Municipal de Mesquita negociou um espaço para a constituição de interações afetivas e disputas políticas. O esforço do coletivo Roque Pense! em se apropriar do espaço urbano e produzir um ativismo musical criou um lócus para a

disseminação dos ideais antissexistas do grupo, reinventando dessa maneira o imaginário urbano e das mulheres na Baixada Fluminense.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.

_____. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ENNE, Ana Lucia. “A favela ta atuando e dispensando dublês”: construção, consolidação e expansão de múltiplas redes culturais e comunicacionais a partir de favelas e periferias do Rio de Janeiro. In: FERNANDES, Cíntia Sanmartin; MAIA, João; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). *Comunicações e territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. São Paulo: Anadarco, 2012. p. 25-47. (Comunicações e culturas.)

FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Música e sociabilidade: o samba e o choro nas ruas-galerias do centro do Rio de Janeiro. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). *Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendências da música independente no início do século 21*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 267-287.

_____. Territorialidades cariocas: cultura de rua, sociabilidade e música nas “ruas-galerias” do Rio de Janeiro. In: _____.; MAIA, João; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). *Comunicações e territorialidades: Rio de Janeiro em cena*. São Paulo: Anadarco, 2012. p. 71-95. (Comunicações e culturas.)

_____. Dinâmicas e processos de resignificação na cidade do Rio: a cena jovem no Arpoador. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; SÁ, Simone Pereira (Orgs.). *Cenas musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013. p. 143-162. (Comunicações e culturas.)

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217-250.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. XXVI ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DOS ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos...* Belo Horizonte: PUC/MG.

_____. Rock with the devil: notas sobre gêneros e cenas musicais a partir da performatização do feminino no heavy metal. In: _____; SÁ, Simone Pereira. *Cenas musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013. p. 73-89. (Comunicações e culturas.)

LET'S PENSE. O sexismo não existe? Aumenta o som então. *Let's Pense: comunicação urbana por uma educação não sexista*, Nova Iguaçu, n. 5, [s/d].

HERSCHMANN, Micael. Crescimento dos festivais de música independente no Brasil. In: SÁ, Simone Pereira (Org.). *Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 267-304.

_____; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Territorialidades sônicas e ressignificação de espaços do Rio de Janeiro. *Logos*, Rio de Janeiro: UERJ, v. 18, n. 2, p. 6-17, jul./dez. 2011.

LEGROS, Patrick et al. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulinas 2007.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1998.

_____. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./jun. 2007.

ROQUE PENSE! *Boletim Roque Pense: nas ruas, no ano da cultura alternativa da Baixada Fluminense*, Mesquita, 2013.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.